



## Ocorrências de índices de subjetividade em notícias/ reportagens: estudo de caso

Maria Aparecida Lino Pauliukonis<sup>1</sup>  
UFRJ

**Resumo:** Esta pesquisa objetiva fazer um estudo sobre a enunciação, colocando em evidência o papel dos sujeitos enunciadore e a imagem (ethos) que constroem de si e dos destinatários e projetam em seu discurso, por meio de operações discursivas de base enunciativa. Pretende-se também verificar como se realiza a inclusão no discurso das marcas de subjetividade e de que dispositivos se valem os jornalistas para aferir credibilidade à imagem dos sujeitos veiculada pela mídia impressa.

**Palavras-chave:** sujeitos, mídia, discurso

**Abstract:** This research intends to make a study of enunciation, giving relevance to the exam of the subjects and the image (ethos) that they construct about themselves and about the receiver, that they project in their discourse, through the discursive and enunciative operations. We also intend to verify how it is possible to make the inclusion of subjective marks in the discourse and how the journalists get the credibility to the image of the subjects that is transmitted by the media.

**Key words:** subjects, media, discourse

### 1. Introdução

Esta pesquisa apresenta como temática análise das operações discursivas realizadas por sujeitos enunciadore no gênero reportagens jornalísticas, publicadas em março de 2009 pelos jornais cariocas *O Globo* e *Jornal Extra*, sobre a mesma temática. O objetivo é verificar como cada jornal se posiciona perante um evento, pela comparação dos índices de ocorrência de subjetivemas nominais, (KERBRAT- ORECCHIONI, 1997), presentes no gênero analisado, com a finalidade de se verificar o posicionamento político ideológico de cada veículo em relação a um mesmo fato.

---

<sup>1</sup> aparecidalino@gmail.com



Pela análise contrastiva entre os dois veículos informativos e, com base nas propostas da Teoria Semiolinguística do discurso, (CHARAUDEAU, 2008), a pesquisa propõe-se a observar quais são os dispositivos enunciativos mais frequentes e sua funcionalidade no ato de aferirem legitimidade e credibilidade à imagem dos enunciadores (*ethos*), construída e veiculada pela mídia.

A pesquisa é feita por meio do levantamento e categorização das operações de identificação/denominação e de qualificação (atribuição) e sua funcionalidade discursiva em manchetes, sub títulos e legendas das fotos, além da comparação com os desdobramentos dos fatos em manchetes e subtítulos de reportagens publicados no interior dos jornais.

Um dos objetivos da pesquisa também é contribuir para as atividades de leitura e interpretação de textos jornalísticos, a fim de se formar uma consciência crítica, quanto à problematização enunciativa das diversas operações linguístico-discursivas utilizadas na construção do fato informativo e à apreensão do significado ideológico que subjaz a cada texto midiático. Tendo por eixo temático “Linguagem e mídia em língua portuguesa”, pretende-se observar como o sujeito enunciador brasileiro se revela, neste início de século, segundo os *lugares* sociais -“*topoi*”- de onde atua discursivamente, por meio de várias estratégias, com o fim último de conseguir a adesão do leitor diferenciado de cada veículo informativo.

## 2. Sobre a pesquisa

Esta proposta faz parte do Projeto Integrado: PROAD- CIAD-Rio – “*Enunciação e discurso*” e são responsáveis pelo Projeto as Profas. Dras. Lúcia Helena Martins Gouvêa e Maria Aparecida Lino Pauliukonis, cabendo a esta o sub- projeto: *Modalização nos gêneros notícia e reportagem: índices avaliativos nominais e verbais*. Este momento da pesquisa contou com a participação de Amanda Heiderick Marchon, aluna Mestra, cuja defesa de sua Dissertação ocorreu em 30/08 do corrente ano.

Os trabalhos que temos desenvolvido dentro do Projeto Integrado do Grupo de pesquisa CIAD - Rio objetivam estabelecer perspectivas teórico- metodológicas para análise de textos que definam os imaginários sociais, tomando por base construções discursivo-



enunciativas em diferentes gêneros textuais midiáticos, sob a ótica da enunciação discursiva. A fase atual das pesquisas enfoca a análise das operações enunciativas realizadas por sujeitos enunciadores em dois gêneros - notícias e reportagens – publicadas em março de 2009- pelos jornais cariocas *O Globo* e *Extra*. O objetivo é verificar como cada jornal se posiciona perante o evento, pela comparação dos índices de ocorrência de índices de subjetivemas nominais, com a finalidade de se verificar o posicionamento político ideológico de cada veículo em relação a um mesmo fato noticioso.

Outro motivo que gerou o questionamento norteador da pesquisa foram fatos observados em aulas de graduação: em geral, os alunos nem sempre reconhecem ou estão atentos a importância da enunciação, sobretudo quando estão diante de textos científicos ou didáticos. A esse propósito é esclarecedora a observação da pesquisadora Coracini (2001), - que abaixo transcrevemos- e que vem consubstanciar nossa problemática: por que os alunos não questionam a verdade do que leem nos livros de caráter didático e científico?

Na Introdução do livro *Um fazer persuasivo*, (CORACINI, 2001, p.19), a autora faz o seguinte questionamento, a esse respeito:

Professora de francês instrumental na PUC-SP, para a área de humanas e na Universidade de São Paulo para a área de bio-ciências, impressionava-me a atitude passiva dos alunos, futuros biólogos e pós-graduandos diante dos textos das duas áreas: raramente questionavam os conteúdos, as conclusões, a metodologia, o objeto de estudo. Não se davam conta da camuflagem enunciativa, não questionavam nem o conteúdo, nem a forma, habituados que estavam ao caráter de isenção do sujeito, revelado no texto pela não-explicitação do agente pesquisador e enunciador, (...) Pareciam partilhar da idéia aparentemente consensual de que o artigo científico devia obedecer a uma estrutura convencional e transparecer uma busca da verdade absoluta e objetiva própria das investigações científicas.(...)

Uma das possíveis respostas é a hipótese de que todos estão acostumados a não perceber o sujeito enunciador que se camufla sob a máscara de objetividade, o que leva tais textos a se passarem por “verdades” absolutas.

Foi a partir dessas reflexões que resolvemos fazer uma análise da enunciação em textos midiáticos considerados mais objetivos como os noticiosos e observar como se dá a



construção do Eu enunciador, ou seja, a construção de seu *ethos* e a de seu leitor. Dessa forma, passamos a análise discursiva de um “corpus” de *manchetes, fotos e legendas* de notícias e reportagens- nos dois Jornais *O Globo e Extra*, do Rio de Janeiro, sob a perspectiva de teorias da Enunciação, privilegiando-se a análise da atuação dos sujeitos enunciadorees na construção de imagens que projetam de si e de seu interlocutor em seu discurso, por meio de um espaço de restrições e manobras linguístico -discursivas.

A constituição dessa imagem foi feita através de um duplo recorte, como proposto por Kerbrat-Orecchioni, (op.cit): o da *enunciação ampliada*, pelo exame dos protagonistas e das circunstâncias de produção do ato comunicativo e o da *enunciação restrita*, pelo enfoque nos procedimentos linguísticos e discursivos, constitutivos da imagem enunciativa construída no discurso

O *corpus* analisado foi constituído pelas mesmas notícias e reportagens publicadas nos dois jornais citados, coletadas durante todo o mês de março / 2009. Nesta fase da pesquisa, faz-se o exame de manchetes, subtítulos, fotos e legendas, cujos textos que acompanham a informação são diferentes nos dois jornais, (às vezes a foto é a mesma, mas as legendas são bem diferentes)- o exame tem por fim se realizar uma análise comparativa do número de ocorrências de marcas de subjetividade enunciativa.

### 3. Problemática

Com a proposta de uma análise do discurso midiático de cunho interacional, levantaram-se as seguintes questões:

- que tipo de modalização enunciativa predomina nos gêneros “manchetes, subtítulos, fotos, legendas” de notícias e reportagens? Que *ethos* dos enunciadorees se constrói por meio dela?
- que elementos linguístico-discursivos são responsáveis por essa construção? e como se dá o nível de ocorrências de subjetividade em cada um dos veículos analisados?



#### 4. Embasamento teórico

Utilizaram-se alguns pressupostos da Análise Semiolinguística do Discurso, (CHARAUDEAU, 2004 e 2008) para a compreensão das estratégias argumentativas utilizadas pelos sujeitos enunciadore, a saber: *contrato* comunicativo, formas de modalização, entidades subjetivas e processos de semiotização do mundo nas várias operações discursivas.

Além disso, a pesquisa apoia-se, também, em estudos mais recentes da Enunciação, com o intuito de demonstrar sua produtividade na análise do discurso de gêneros midiáticos, (MAINGUENEAU, 2004 e KOCH, 2001). Define-se a enunciação como o processo elocucional que dá origem aos enunciados, em que se sobressai a figura do enunciador, responsável pela produção dos discursos. Na enunciação, encontram-se marcas deixadas pela instância subjetiva, dentre as quais se destacam as ocorrências de índices linguístico-discursivos avaliativos, aqui analisados.

Esses estudos recentes sobre as teorias da Enunciação consideram-na um processo pelo qual o enunciador revela sua atitude em relação ao seu próprio enunciado, observando-se a ocorrência de "marcas" enunciativas suscetíveis de serem tratadas por uma análise do discurso, de base comunicativo- situacional, em que sobressai a figura do *ethos* legitimador das manobras discursivas.

#### 5. Conceito de *ethos*

Aristóteles, o primeiro teórico a definir o conceito de *ethos*, afirmava que a imagem do orador projeta-se na sua própria maneira de dizer e não está na apresentação de si mesmo; trata-se, então, de se observar antes o que ele apresenta de si, já que toda imagem se firma nas e pelas marcas da enunciação.



Pode-se definir o *ethos* como o tom, o ar, o estilo daquele que fala; constitui não o seu caráter real, mas o que ele deixa passar por meio de seu discurso. Por isso o orador não precisa dizer, mas fazer acontecer, isto é, o ato persuasivo não se baseia no que o orador pode dizer de si mesmo, mas no que ele mostra de si, trata-se de um reflexo do que ele *apresenta* e não do que *representa*. Persuade-se quando há confiança no que se transmite, por esse motivo, as pessoas honestas nos inspiram maior confiança, como dizia também Aristóteles, mas é necessário que essa confiança seja um efeito de discurso e não uma prevenção sobre o caráter do emissor, por parte do receptor.

Se o *ethos* não se constrói no conteúdo que se transmite, mas na maneira de dizer, de se mostrar e que vai criar certos efeitos de sentido, pode-se concluir que são esses efeitos de sentido, que constituem/formam a imagem ou o *ethos* do enunciador e lhe garantem sua conseqüente *credibilidade*. Dessa forma, aceita-se que o *ethos* possui uma materialidade linguística que se fundamenta em *marcas da enunciação*; é preciso, portanto, analisar quais são essas marcas, testemunhas da enunciação, através das quais se pode identificá-lo.

As pesquisas mostram que resta ainda muito trabalho a ser feito pelos analistas do discurso. E se quiserem permanecer no âmbito de uma descrição lingüística e no que isso pressupõe, para os estudos do *ethos*, em termos de metodologia de análise, há que se afastar de um certo psicologismo ou de um sociologismo que não combinam com esse tipo de proposta de uma AD de cunho semiolinguístico. Aceita-se aqui, portanto, que o *ethos* é uma realidade do discurso, não do mundo referencial e que se constrói na totalidade enunciativa e nas marcas lingüístico-discursivas da enunciação, propostas pelos enunciadores e co-enunciadores

Conclui-se, então, que todo processo modalizador dos discursos está intimamente ligado ao *ethos*, entendido como o reflexo ou a imagem de si que o enunciador projeta em seu discurso, mesmo inconscientemente. Com o objetivo de se detectar, pois, a presença da subjetividade no discurso, esta pesquisa vale-se do levantamento de índices nominais (substantivos e adjetivos) e verbais que comprovam os processos de modalização e dos índices de subjetividade, com o fim de comprovar a hipótese de que na há discurso sem marcas de enunciação.





Embora no *corpus* informativo predomine um modo mais imparcial e objetivo de se enunciar (delocutivo), no ato de organizar o discurso do relato, a subjetividade pode ser observada em índices diversos que camuflam a presença do enunciador, garantindo, assim, uma falsa imparcialidade, pela ausência de subjetividade explícita; esse processo de camuflagem constitui mais uma prova da importância dos estudos da Enunciação na esfera da análise dos vários gêneros de discursos midiáticos e no ensino de leitura e produção textual mais consciente para o aluno.

Por sua vez, uma outra hipótese que fundamenta esta pesquisa é a de que os textos de notícias e reportagens por pertencerem ao gênero informativo, objetivam focalizar os fatos em si mesmos, informar de forma isenta e, para tanto, perseguem o ideal de neutralidade e da objetividade, para se garantir maior credibilidade do leitor ao relato; evitando-se, por isso, os processos avaliativos, que caracterizam a presença de uma instância avaliadora.

Por outro lado, sabe-se que qualquer relato não pode prescindir da figura do enunciador, o que torna a imparcialidade um “mito”; tal fato é comprovável pela presença de inúmeros índices denotativos da subjetividade que estão presentes no *corpus* da pesquisa. O que se tem, quando muito, é uma enunciação aparentemente imparcial- em que o sujeito enunciador comporta-se como um “relator” indiferente - que tenta parafrasear o que *o Outro disse, e da forma como disse*. Tem-se, então, na verdade, “uma encenação “ discursiva do discurso relatado, de forma delocutiva (relato em terceira pessoa), em um dispositivo de narrativização, em que os fatos parecem falar por si mesmos, esvanecendo-se, dessa forma, a figura do enunciador. Torna-se dessa forma, necessária uma análise que permita evidenciar a presença do enunciador no discurso.

Objetiva-se, assim, identificar as marcas enunciativas presentes na modalidade delocutiva de organizar o discurso, por meio do exame da frequência de índices lexicais com maior grau de subjetividade: - substantivos, adjetivos e verbos - e demonstrar como essa escolha lexical contribui argumentativamente para a construção da imagem de um *ethos* legitimador dos sujeitos enunciadores e dos sujeitos destinatários (interpretantes leitores)



## 6. Metodologia e tratamento dos dados

A pesquisa consta de um levantamento de ocorrências dos índices desse léxico modalizado, nas manchetes de capa e do interior do jornal, nos subtítulos e nas legendas e, a seguir, faz-se comparação entre o emprego das categorias linguísticas: identificação / denominação e atribuição (por meio de uso de índices caracterizadores avaliativos), e de processualização, por meio dos verbos *dicendi* mais subjetivos e com intenção de verificar a influência desses elementos discursivos/ paratextuais, na constituição das reportagens.

Após a constituição do *corpus* e do levantamento de ocorrências dos índices desse léxico modalizado, procurou-se observar o emprego das seguintes categorias linguísticas: identificação e atribuição (com mais altos índices avaliativos), e de modos de processualização, por meio do exame dos verbos *dicendi* subjetivos. A seguir, compararam-se os índices de ocorrências nos dois jornais, confrontando os contextos em que aparecem e as *imagens* construídas dos enunciadores.

Trata-se de uma análise de base quantitativa, cujos dados servirão para embasamento de uma análise qualitativa, feita pela observação das temáticas comuns noticiadas pelos dois veículos informativos. Verificou-se como se deu o tratamento discursivo de assuntos nacionais e internacionais de interesse da sociedade carioca, noticiados e reportados nessa época, em função da constituição do *ethos* dos enunciadores e do público leitor idealizado.

## 7. Índices de emoção

Um dos processos mais recorrentes nos textos foi o apelo ao “emocional”, tanto nas manchetes como nas fotos e legendas. Com o fim precípuo de destacar a força argumentativa da persuasão pelo viés emotivo, com base nos índices marcados por maior subjetividade, primeiramente buscou-se definir o conceito de emoção adotado, na pesquisa, explicitando que





relações existem entre o discurso emotivo e as orientações argumentativas, fundamentadas em valores, crenças ou *topoi* estabelecidos socialmente; delimitaram-se os *lugares* em que esses índices aparecem e quais as categorias discursivas que englobam a dimensão emocional e a inscrevem no sistema da língua.

O foco da análise foi a seleção/escolha lexical e a forma como ela se constitui também uma estratégia de envolvimento e sedução do leitor; os resultados dessa análise mostraram-se relevantes para discussão e desenvolvimento de metodologias de ensino de interpretação de texto, nos vários graus de ensino, possibilitando, assim, uma interface da AD com o ensino de leitura, produção e interpretação de textos argumentativos. Tomou-se, por base o seguinte princípio: A AD hoje defende a impossibilidade de se pensar qualquer experiência linguística sem se considerar a presença dos sujeitos históricos. Essa nova ordem foi fundamental para o surgimento das Teorias da Enunciação, cujo estatuto leva sempre em conta a inter-ação de sujeitos enunciadoreis. - esta pesquisa tem por base, portanto, um enfoque enunciativo dos textos analisados.

## 8. Comprovação dos dados

A seguir, pela apresentação de dois exemplos de notícias, com as principais diferenças no enfoque adotado, tomam-se por base os indícios *paratextuais* (manchetes, subtítulos e legendas das fotos), que determinam o tratamento diferenciado da informação para cada tipo de público.

A pesquisa revela, portanto, dados dos jornais que apontam para o direcionamento do sentido, como uma tentativa de aproximação com o público específico. Assim o leitor de *O Globo* é mais escolarizado e pertence primordialmente às classes A e B, e seu interesse concentra-se em notícias sobre política e economia, nacionais e estrangeiras, além de assuntos pertinentes à cultura em geral ou relativos a descobertas científicas, além de temas também do domínio civil de maior interesse do cidadão que pertence às classes mencionadas, razão pela qual o jornal apresenta uma série de cadernos temáticos que preenchem esse papel. Já no *Extra*, preferido das classes C e D, predominam determinados temas do domínio



civil, de interesse mais imediato do cidadão comum, com o predomínio de notícias sobre violência em geral e o esporte ou sobre fatos da vida de celebridades do cinema e da televisão.

Importa destacar alguns indícios comprobatórios dessas conclusões: das 73 ocorrências do domínio da atividade civil – que aborda temas que afetam o cidadão comum e leitor do Jornal *Extra*, resulta que 65 são de editoria policial, (29 ocorrências de tiroteios e mortes, 25 assaltos e agressões. 2 sobre acidentes fatais); 10 relativos à vida de celebridades e 9 sobre precariedade no sistemas de saúde.) Esses dados indicam uma situação típica de uma cidade como o Rio de Janeiro que, à época da coleta dos dados, vivia situações de confronto entre autoridades e o crime organizado, o que afetava todos os cidadãos. Por esse motivo também no Jornal *O Globo* há muito destaque para notícias sobre violência. Num parâmetro de comparação ente as mesmas notícias publicadas pelos dois veículos, todavia, nota-se um direcionamento diverso para a leitura dos fatos, com o intuito de atingir o público alvo, cuja imagem está construída juntamente com o noticiário.

A seguir, comentam-se duas notícias que foram publicadas pelos dois veículos, mas que apresentam abordagens diferentes, nas manchetes, nos subtítulos e nas fotos e legendas, tendo em vista atingir seu leitor diferenciado:

*O Globo* 23/03/2009

Manchete: BALA PERDIDA E DE LONGA DISTÂNCIA

“Tiroteio na Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, assusta até moradores de Humaitá.”

A notícia com chamada na capa apresenta foto que ocupa metade do Jornal e um resumo sobre o ocorrido: um confronto entre policiais e traficantes em uma favela próxima a Copacabana, bairro de elite carioca, cuja violência foi sentida também em bairros próximos. O Jornal *O Globo* deu ênfase especial ao acontecimento, com chamadas para as reportagens no interior do periódico e legendas explicativas do tumulto provocado na Zona Sul da cidade. Também no interior do veículo, novas manchetes, fotos e legendas refletem a gravidade da situação para os moradores do bairros atingidos; a legenda de *O Globo* narrativiza o fato desta forma em uma das legendas: “Policiais vigiam uma entrada da Ladeira



*de Tabajaras, palco de diversos tiroteios desde a noite de sábado: traficantes da Rocinha teriam invadido a favela”.*

Por sua vez, ao publicar a mesma notícia, o Jornal *Extra* não publicou foto na capa e apenas uma pequena chamada como manchete sem destaque: “*Três bairros reféns da violência no Rio*” - *Tiroteio na Ladeira dos Tabajaras leva pânico à Zona Sul*”.

No interior do jornal o mesmo procedimento: enquanto *O Globo* destaca o confronto com reflexos também nos bairros vizinhos, inclusive com destaque para um mapa que calculava até a distância que poderia ser percorrida pelos projéteis ameaçando outros bairros, há também entrevistas com moradores e manchetes sugestivas. Por sua vez, o *Extra* dá muito menos destaque, sem fotos e apenas o subtítulo da manchete do interior do Jornal: “*Policiais militares de três batalhões foram à Ladeira dos Tabajaras para dar um basta ao tiroteio*”- pontua os fatos que passam quase despercebidos. Uma hipótese para esse procedimento é a de que o fato interessa pouco aos bairros da zona Norte do Rio, pois ocorreu longe da realidade do seu leitor, ou que, ao destacar que a Zona Sul também fica em pânico, este pode ter o consolo de que também os moradores da elite sofrem com o mesmo grau de violência, comum na periferia e nas favelas e morros..

Em contrapartida, há um outro fato noticiado que traz a inversão do enfoque: foi uma notícia sobre o desaparecimento de uma menina de 5 anos, que foi achada morta em um valão, em Jacarepaguá, depois de ter sido estuprada. Enquanto o Jornal *Extra* deu detalhes variados sobre o fato e utilizou-se de micro-narrativas nas legendas para angariar emoção do público leitor; há, inclusive publicada na capa a foto da garota e seu nome - Vitória- e várias outras fotos do local do crime que ocuparam grande parte da primeira página, a atitude de *O Globo* foi diferente: apenas publicou uma matéria sucinta sobre o assunto, sem fotografias e com manchete bem objetiva sem detalhes: “*MENINA DE 5 ANOS É ACHADA MORTA EM JACAREPAGUÁ*”.

O que se observa é que há sempre uma adaptação ao leitor e às circunstâncias da situação: se o fato interessa mais ao leitor de *O Globo* ou ao leitor do *Extra*, o tratamento do tema vai ser diferente e conta com o auxílio de elementos *paratextuais*, termo proposto para os elementos periféricos que auxiliam a argumentação do texto e ocasionam o direcionamento dos leitores para determinados sentidos. Nesta pesquisa, constatou-se que a influência desses



elementos é notória: remetem o leitor a uma realidade mais próxima de si mesmo e o apelo ao emocional torna-se mais tangível com a captação garantida.

## 9. Conclusões

Buscou-se evidenciar que a linguagem firma-se não só como meio informativo, mas sobretudo como instrumento de atuação política entre os homens. O texto/discurso como unidade interativa passa, assim, a constituir -se como um mecanismo dinâmico de interação, dotado de cunho argumentativo-persuasivo.

Textos da mídia bem como textos literários valem-se de operações enunciativas específicas, que estão relacionadas tanto às restrições do Sistema e à cena enunciativa, como à finalidade do ato, aos atores discursivos e a *contratos* comunicativos bem determinados.

Cada contrato de comunicação prevê, portanto, um comportamento linguístico que deve estar de acordo com as “condições de situação”; dessa forma, a escolha das construções é um processo fundamentado também em elementos extra-linguísticos e no “lugar social” onde se situam os parceiros do ato interativo.

Pela análise contrastiva das manchetes, legendas e fotos dos dois jornais, a pesquisa propôs-se a observar a funcionalidade dos dispositivos enunciativos mais frequentes, no ato de aferirem legitimidade e credibilidade à imagem dos enunciadores (*ethos*), construída e veiculada pela mídia jornalística.

No que concerne à relevância desta pesquisa, postula-se que a análise de texto como discurso permite uma mudança de enfoque no ensino de leitura e de interpretação; em vez de se focalizar a linguagem como forma ou como portadora de conteúdos proposicionais, evidencia-se sua natureza dialógica e acional, construtora de identidades sociais, que coloca em cena além de valores informativos (referenciais), conceitos extralinguísticos e informações sobre os *ethé* dos participantes do ato comunicativo. Esses elementos, quando desvendados, acarretam mudanças na significação global do texto e, conseqüentemente,



contribuem com subsídios em favor de um ensino mais produtivo de leitura e de produção textual.

## Referências

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Tradução e adaptação de PAULIUKONIS, M.A.L & MACHADO, I. L. et alii. São Paulo, Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_, & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do discurso*. São Paulo, Contexto, 2004

CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo*. São Paulo, Contexto, 2001

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La enunciación: de la subjectividad en el lenguaje*. Buenos Aires, Edicial, 1997.

KOCH, I. V. *Desvendando os sentidos do texto*. São Paulo, Cortez, 2001